RELATO PESSOAL
BIA SOUZA, JUDOCA
OURO EM PARIS, 2024

redigir

Eu, Bia Souza
de Peruíbe a Paris

Faço este relato sentindo ainda o calor dos aplausos, em 2 de agosto de 2024.

Os últimos dias antes de embarcar para Paris foram os mais intensos da minha vida. A preparação para o ouro exigiu a exaustão não só do meu corpo, como também da minha alma. Acordava diariamente, de madrugada, e ia direto para o tatame. Cada queda, cada golpe escreviam um único objetivo: o ouro.

Os treinos eram cruéis, docemente cruéis. Meu técnico, o sensei Samuel, não me dava tréguas. "É agora ou nunca, Bia!", era o que ele me dizia, enquanto eu repetia séries intermináveis de uchi-mata. Confesso que, de início, talvez não acreditando na medalha que agora trago no peito, eu reclamava, chorava até. Mas, com o passar dos dias, o corpo quente e a expectativa da vitória, entendi que cada repetição era necessária, inadiável, decisiva.

Outra série de uchi-mata, e a feição de minha avó vinha à tona. Perdê-la dois meses antes de Paris, abalou-me – logo ela, meu apoio em forma de gente! Às vezes, no silêncio da noite, quando o corpo pedia descanso, parece que eu ainda podia ouvi-la dizer: "Você é forte, Bia!", e isso era o que me dava forças para continuar.

Minha mãe e eu nos despedimos no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Foi ela quem, nas vésperas do voo, ajeitou minhas malas, dobrou roupas, quimonos e deixou-me um bilhete: "Vai com tudo, minha campeã! Quando você voltar, a festa vai ser linda, a gente vai comer um bolo de cenoura inteirinho! "

Realmente, fui com tudo – a garantia dos treinos, a torcida da família e vontade de vencer –, e voltei com o ouro. Aliás, "Família, esse ouro é nosso!"

(Por Gislaine Buosi)